

## CARLOS DE OLIVEIRA E O NEO-REALISMO

**Aluna: Carolina Barra**

**Orientador: Izabel Margato**

### **Introdução**

A proposta para esse segundo ano de pesquisa foi a continuação dos estudos acerca do escritor português Carlos de Oliveira assim como sua relação com o neo-realismo. Como objeto de pesquisa foi utilizado o livro *O aprendiz de feiticeiro* e sua relação com o *Trabalho poético*.

O mapeamento das relações entre as obras ficcionais estudadas anteriormente e a autobiografia do autor utilizando crônicas do livro *O aprendiz de feiticeiro*, assim como o estudo dos gêneros literários contidos na obra, foram os objetivos propostos que foram alcançados, finalizando, dessa forma, a pesquisa sobre Carlos de Oliveira.

### **Carlos de Oliveira e o Neo-realismo**

O Neo-realismo se inicia, em Portugal, no início de 1940, com a publicação da obra *Gaibéus* de Alves Redol. Tal movimento artístico aconteceu em paralelo com o Estado Novo em Portugal e discordava de seu totalitarismo, desejando apresentar uma nova visão de mundo mais justa.

Carlos de Oliveira é um escritor português que viveu entre os anos de 1921 e 1981. Dentre sua vasta produção encontramos poesias, crônicas e romances, que discutem questões de suma importância para a sociedade portuguesa e para a escrita como um todo.

Os livros de Carlos de Oliveira não só trabalham o processo de escrever, como também refletem sua preocupação com o social e tratam de assuntos como a luta de classes e a decadência da aristocracia rural e da burguesia, além de retratar e criticar a parcela da sociedade portuguesa interesseira e opressora. Para ilustrar essa característica basta que olhemos para seu primeiro romance, *Casa na Duna*, no qual uma pequena empresa gandarense vai sendo seriamente ameaçada pelos grandes comércios.

A vida punha os homens a comerem-se uns aos outros. O mais forte vencia, e força, ali, significava dinheiro. Ninguém podia impedir a ruína da fábrica. (OLIVEIRA, 1983, p. 156).

A Literatura Neo-Realista não visava ficar apenas na folha de papel, mas agir como um transformador da sociedade, denunciando as injustiças sociais e conscientizando o papel do povo. No entanto, olhar para o Neo-realismo apenas como um “movimento” literário de denúncia social é limitá-lo. Sobre o assunto diz Margato:

Essa orientação, desdobrada em diferentes textos e em diferentes tons, em pouco tempo incorporou expressões como: “critério essencialmente pragmático para a apreciação das obras de arte”; “primado do conteúdo sobre a forma”; “comunicabilidade direta da obra de arte”, o que acabou por traduzir-se na fórmula-síntese “*a redução do artístico ao ideológico*”, que durante os anos dessa polêmica – e também depois deles – ficou associada ao Neo-Realismo como um todo. A consequência imediata da adoção desse pressuposto traduz-se na identificação dos textos neo-realistas como

produções de um *realismo inferior*, que devem ser lidos, prioritariamente, como documentos de época. Acrescentando mais um dado, poderíamos dizer que grande parte da demarcação a que a produção neo-realista ficou sujeita deve-se, principalmente, a um posicionamento crítico redutor que considera essas obras apenas como documentos políticos decalcados *da e pela* ideologia marxista. (MARGATO, 2008, p. 3)

O estudo atento das produções desse período é capaz de mostrar que o neo-realismo não visava apenas a “ação”, visto que a preocupação com questões artísticas também se destaca nos textos. Carlos de Oliveira é um autor que ilustra essa afirmação, pois a narração de seus romances é bastante poética e mostra traços artísticos muito bem definidos, que iremos encontrar no estudo de suas obras, como em *Trabalho poético* e em *O aprendiz de feiticeiro*.

### **O aprendiz de feiticeiro**

*O aprendiz de feiticeiro* é um livro de Carlos de Oliveira que foi publicado no ano de 1971. Ele é uma coletânea de crônicas e artigos selecionados pelo autor. O livro permeia vários gêneros, inclusive o autobiográfico, e dialoga com toda a obra de Carlos de Oliveira.

A poesia está muito presente dentro dessa obra, não apenas no próprio Oliveira, mas como de outros escritores com os quais ele dialoga. Sobre o livro menciona Galdolfi:

O aprendiz de feiticeiro em sua montagem reúne textos e blocos de textos oriundos de épocas diferentes e escritos com finalidades também diferentes. Falamos que se trata de um livro que apenas aparentemente se finalizou, porque cada texto exige um posicionamento distinto do leitor. Não porque trate de temas muito diferentes. Não é isso. Mas porque foram escritos não só em circunstâncias diversas, mas para funções diversas. De modo que não podemos dizer: isto é um conto e aquilo é um ensaio. Carlos de Oliveira sabia que um escritor trabalha com palavras. Por isso toda manifestação escrita sua, mesmo que não resultasse num livro de poemas ou num romance, deveria ser fruto do mesmo rigor com que escrevia aqueles. (GANDOLFI, 2007, p. 28)

Diante da citação percebe-se a complexidade dos gêneros dentro da obra, na qual os textos confundem-se em ensaios, crônicas, artigos, etc, e limitá-los dentro de tais conceitos não é um dos melhores caminhos de leitura do livro.

Como os textos do livro são muito diversos, foram selecionados três para serem melhor analisados a partir da relação com o *Trabalho poético: Micropaisagem, Autor, encenador, actor e O iceberg*.

### **Micropaisagem, Autor, encenador, actor e O iceberg**

*Micropaisagem* discorre sobre a produção do livro de poemas desse mesmo título, caracterizando-o como “um texto diante do espelho: vendo-se, pensando-se” (OLIVEIRA, 1973, p. 262), atentando o leitor para os conceitos que permeiam os poemas: a memória, o esquecimento e a brevidade.

É nessa crônica que Oliveira fala sobre um texto que discorre sobre si mesmo:

Para mim este trabalho consiste quase sempre em alcançar um texto muito despojado de si mesmo, o que me obriga por vezes a transformá-lo numa meditação sobre o seu próprio desenvolvimento e destino (OLIVEIRA, 1973, p. 262).

Tal citação dialoga não apenas com *Micropaisagem*, como também outros textos de O aprendiz de feiticeiro e o Trabalho poético. O poema III de *Micropaisagem* discorre sobre o assunto:

Se o poema/ analisasse/ a própria oscilação/ interior,/ cristalizasse/ um outro subtil/ o da estrutura/ em que se geram/ milénios depois/ estas imaginárias/ flores calcárias,/ acharia/ o seu micro-rigor. (OLIVEIRA, s/d, p.33).

Enquanto em *Micropaisagem* Carlos de Oliveira dialoga com o próprio texto, em *Autor, encenador, actor* ele dialóga com Fernando Pessoa e José Gomes Ferreira. Para Pessoa, Oliveira utiliza o conceito de “fingidor”, analisando seus heterônimos, enquanto que para Ferreira esse conceito se mostra insuficiente e ele o denomina como “falsificador”. Passa então a discorrer sobre sua poesia, que influencia sua própria obra como ele mesmo cita “a poesia de cada um se faz também com a poesia dos outros no permanente confronto da criação” (OLIVEIRA, 1973, p. 263).

Já *O iceberg* começa com uma carta que Oliveira escreveu para uma estudante de Letras que lhe pediu dados biográficos, na qual ele compara sua biografia com um iceberg que tem apenas um terço visível, enquanto dois terços ficam submersos.

Biografar alguém, ao que a palavra insinua, consiste em escrever-lhe a vida: os factos, os acontecimentos, as datas, que a estruturam e balizam. A maior parte disso foi-nos negado, não chegou portanto a dar-se (OLIVEIRA, 1973, p. 234).

Essa citação nos remete à época do Estado Novo e nos mostra como a Ditadura influenciou a sua vida e conseqüentemente a sua obra. O texto continua com uma carta recebida de Afonso Duarte, poeta português, continuando a discorrer sobre a biografia e a importância da palavra.

## Conclusão

Todos os três textos, cada um ao seu modo, dissertam acerca do processo poético e nos ajudam a ter uma maior compreensão das obras de Carlos de Oliveira, que se coloca realmente como um feiticeiro da escrita, fazendo “alquimia dos papéis velhos”(OLIVEIRA, 1973, p.259). A partir desses textos entende-se a importância da palavra para Oliveira, pensando a poesia de uma forma ativa.

## Bibliografia

GANDOLFI, Leonardo. *Mundo comun e povoamento da paisagem – Ler com O aprendiz de feiticeiro de Carlos de Oliveira*. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa e Africana. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2007.

GUSMÃO, Manuel. *A poesia de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Seara Nova; Comunicação, 1981.

MARGATO, Isabel. *Notas sobre o Neo-Realismo português: um desejo de transformação*. In: Via Atlântica Nº 13 Junho. Rio de Janeiro, 2008.

MARTELO, Rosa Maria. *A construção do mundo na poesia de Carlos de Oliveira*. Dissertação de Doutorado em Literatura Portuguesa. Porto: Universidade do Porto, 1996.

MASSAUD, Moyses. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2006.

OLIVEIRA, Carlos de. *Casa na Duna*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1983.

\_\_\_\_\_. *O aprendiz de feiticeiro*. Lisboa: Seara Nova, 1973.

\_\_\_\_\_. *Pequenos Burgueses*, Coimbra Editora, 1948.

\_\_\_\_\_. *Uma Abelha na Chuva*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2003.

\_\_\_\_\_. *Trabalho poético*. Lisboa: Sá da Costa, s/d. Vol 1 e 2.